

CHEGADA DA ENERGIA ELÉTRICA E MUDANÇA DO COTIDIANO EM UMA ANTIGA VILA DE PESCADORES: TRANSFORMAÇÕES NO DIA A DIA DE JERICOACORA, CEARÁ-BRASIL

Alvaro Ferreira

Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da PUC-Rio e
do Departamento de Geografia da UERJ-FEBF

alvaro_ferreira@puc-rio.br

alvaro.ferreira.geo@gmail.com

Há apenas 20 anos, Jericoacoara (localizada na costa oeste do Estado do Ceará, no nordeste do Brasil) era uma pequena e simples vila de pescadores. A energia elétrica chegou à localidade somente em 1998; então, a partir daí, chuveiro elétrico e aparelhos de ar condicionado passaram a fazer parte do cotidiano do lugarejo. Evidentemente, essa realidade não atinge a todas as residências. Ainda hoje, uma quantidade significativa de casas é construída em madeira e são muito simples. Antes da chegada da eletricidade, Jericoacoara, em se tratando de turismo, era visitada basicamente pelos chamados mochileiros, aventureiros e *hippies*. A chegada da energia elétrica transforma radicalmente o cotidiano dos moradores do lugar, que veem o fluxo de turistas aumentar fortemente. As antigas pousadas de pescadores utilizadas pelos visitantes deram lugar a pousadas mais luxuosas, que contam com aparelhos de ar condicionado tipo *Split*, água quente, piscinas térmicas e banheiras de hidromassagem. Boa parte desses empreendimentos turísticos pertencem a estrangeiros: italianos, espanhóis e alemães, principalmente. Jericoacoara localiza-se em uma APA – Área de Proteção Ambiental – e em 2002 o IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – transformou toda a região em um Parque Nacional, trazendo restrições às novas construções. No final dos anos de 1990, publicações internacionais classificaram Jericoacoara como uma das 10 praias mais belas do mundo, fato que contribuiu para atrair ainda mais turistas para o local. Aproximadamente 20 anos após a chegada da energia elétrica, os moradores da antiga vila de pescadores vivenciam uma forte elevação no preço dos imóveis e do preço da terra, têm boa parte da atividade pesqueira substituída por atividades ligadas ao turismo (embora em atividades de baixa remuneração) e são obrigados a transferir suas moradias para locais menos valorizados. Nossa pesquisa analisa como se deu a substituição das atividades originais dos antigos moradores, como se deu o processo de especulação imobiliária, e, simultaneamente, analisa os elementos ligados ao turismo convencional e ao denominado turismo contra-hegemônico em Jericoacoara, que tiveram seu forte crescimento ligado à chegada da energia elétrica.

Muito tem se falado e escrito sobre as influências da atividade do turismo, tanto no que se refere à dimensão econômica quanto às dimensões social e cultural. Essas influências realizar-se-iam tanto no lugar que recebe os turistas quanto no lugar de origem desses viajantes, embora um lugarejo como Jericoacoara, uma vila de pescadores localizada na costa oeste do Estado do Ceará, no nordeste do Brasil, seja muito mais fortemente afetado.

A energia elétrica chegou à localidade somente em 1998, e ainda hoje, uma quantidade significativa de casas é construída em madeira e, além disso, são muito simples. Antes da chegada da eletricidade, Jericoacoara, em se tratando de turismo, era visitada basicamente pelos chamados mochileiros, aventureiros e *hippies*. A possibilidade de criação de pousadas com água quente, aparelhos de ar condicionado, piscinas térmicas e banheiras de hidromassagem atraiu um outro grupo de turistas, que a cada temporada vem em maior quantidade.

Se os antigos mochileiros não se importavam com essa infraestrutura, os novos visitantes cada vez mais valorizam-na, e assim surgem cada vez novas pousadas que oferecem novidades para atrair mais hóspedes. As antigas pousadas de pescadores utilizadas pelos visitantes deram lugar a pousadas mais luxuosas, que em boa parte pertencem a estrangeiros: italianos, espanhóis e alemães, principalmente.

Em 2002 o IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – transformou toda a região em um Parque Nacional, trazendo restrições às novas construções. Aproximadamente 20 anos após a chegada da energia elétrica, os moradores da antiga vila de pescadores vivenciam uma forte elevação no preço dos imóveis e do preço da terra, têm boa parte da atividade pesqueira substituída por atividades ligadas ao turismo (embora em atividades de baixa remuneração) e são obrigados a transferir suas moradias para locais menos valorizados. As casas mais próximas da praia foram compradas e transformadas em pousadas, restaurantes e lojas de *souvenires*.

O turismo e a construção de imagens: quem ganha com isso?

As administrações públicas veem com bons olhos a receita gerada pelo turismo, e historicamente não tem consultado a população do lugar sobre os impactos que essa atividade trará para o local.

O turismo convencional faz uso de atividades que tem como foco o mercado, logo objetiva o lucro, e transforma os lugares em espaços do Capital através da venda do lazer, da praia, do sol, das dunas. Isso faz com que os donos das pousadas se vejam obrigados a oferecer um sem fim de serviços e produtos padronizados nos inúmeros hotéis mundo afora.

Em Jericoacoara não é diferente no que tange à exploração do trabalho, já que as atividades oferecidas aos moradores estão ligadas a serviços de baixa remuneração, e incluem atividades de camareira, de serviços gerais, jardinagem, garçom, cozinheiros,

guias, dentre outros. Isso sem mencionar os denominados “bugueiros”, que são motoristas de veículos preparados para andar nas praias e dunas, levando os visitantes para locais mais distantes da vila de pescadores. Essas pessoas trabalham para os donos das pousadas, restaurantes e para a empresa dos *Buggies* objetivando apenas trabalho e salário; em nossa sociedade, as pessoas acabam por aceitar a dominação daqueles que dispõem seja do saber ou do poder. São construídas inúmeras representações que corroboram a lógica do consumo, e escapar delas tem se tornado tarefa muito difícil. Quando o filósofo Henri Lefebvre¹ refletiu mais especificamente sobre as representações, chegou a afirmar que não pretendia construir uma teoria que viesse a abolir as representações, mas que permitisse resistir àquelas que fascinam as massas, e que também permitisse escolhermos as representações que ajudem a explorar o possível, a mudança.

O trabalho não é o único meio de dominação. É possível observá-la através da internalização de regras, normas, instituições, valores construídos, representações. Acreditava Lefebvre que ao considerarmos as representações, em nossas análises, como fatos da prática social, ajudar-nos-ia a compreender a consciência e o pensamento sem omitir o real, fato que abreviaria o caminho para escapar da alienação. O turismo tem, cada vez mais, entrado no circuito de reprodução do capital e, nesse processo, ocorre uma espécie de espetacularização dessa atividade. O fato é que o espetáculo não é o equivalente apenas dos bens, mas de toda a atividade possível, já que como nos lembra Debord², tudo o que o conjunto da sociedade pode ser e fazer se tornou mercadoria.

Atualmente, o turismo ganha *status* de algo espetacular e que deve ser realizado quase que obrigatoriamente. O mercado e os meios de comunicação de massa, estando interligados, contribuem para vivermos em uma “sociedade do espetáculo” em que a mídia estrutura antecipadamente nossa própria percepção da realidade misturando-a à sua própria representação.

Entretanto, vale afirmar que alguns autores³ acreditam que o turismo se liga também aos aspectos culturais, visto que pode estabelecer relações entre o turista e a população do lugar. Nesse sentido, vislumbra-se uma associação também com a comunicação já que o turismo se realiza como experiência social. Dessa forma, ao deslocarem-se de suas residências para o lugar turístico escolhido, esses agentes vivenciam experiências que estão ligadas também a uma construção simbólica, já que os atores que vendem os “pacotes turísticos” criam todo um cenário para atrair esses “compradores de emoções”. As agências divulgam fotos e imagens incríveis que são introjetadas no imaginário dos visitantes, fazendo com que procurem aquelas paisagens (Figuras 01, 02, 03 e 04) para eles próprios registrarem a sua visita naquele cenário. Assim fica claro que “a imagem é imprescindível para o desenvolvimento mercadológico do turismo”⁴. E, atualmente, não basta visitar o lugar e vivenciar aquele momento, é preciso fotografar e imediatamente

¹ Lefebvre, 2006 [1980].

² Debord, 1997 [1967]

³ Brandão, Coriolano, 2016.

⁴ Brandão, Coriolano, 2016, p. 104.

divulgar as imagens nas redes sociais da Internet. A própria publicização das fotos torna-se parte necessária da atividade turística. Em Jericoacoara, ao se aproximar o horário do pôr do sol é possível observar uma espécie de “peregrinação” de turistas em direção da Duna do Pôr do Sol ou da Pedra Furada para registrar em fotos esse momento; isso se repete diariamente. O número de turistas vem crescendo ano após ano, ininterruptamente.



Figura 01: Pôr do sol na Pedra Furada



Figura 02: Turistas na Duna do Pôr do Sol



Figura 03: Peregrinação para acompanhar o pôr do sol



Figura 04: Árvore da Preguiça

O volume de dinheiro envolvido é altíssimo, e segundo dados divulgados pelo Ministério do Turismo – a partir de informações da Organização Mundial do Turismo (OMT) – o mercado de viagens e turismo corresponde a cerca de 30% das exportações mundiais de serviços e a 6% das exportações mundiais totais. Com todo esse montante envolvido, não é à toa que analistas afirmam que a atividade turística é uma importante fonte geradora de riqueza e emprego, contribuindo inclusive para redução da desigualdade social. O Ministério do Turismo afirma que “no Brasil, o turismo representa, atualmente, cerca de 3,6% do PIB (Produto Interno Bruto), empregando, direta e indiretamente, mais de 10 milhões de pessoas”.

Se pensarmos nos recentes eventos sediados pelo Brasil, alguns mais especificamente pelo Rio de Janeiro, como a Jornada Mundial da Juventude (2013), a Copa das Confederações de Futebol (2013), a Copa do Mundo de Futebol (2014) e os Jogos Olímpicos 2016⁵, é possível falar em uma movimentação direta da economia em torno de R\$ 13 bilhões, segundo o Instituto Brasileiro de Turismo. Ainda segundo esse instituto, o volume de dinheiro gerado pelos serviços gerados pelo turismo colocaria essa atividade na quarta posição do *ranking*, estando à frente da verba referente à venda de açúcar, carne de frango, café cru em grãos e automóveis de passageiros (em 2014, segundo informações do Banco Central, a entrada de divisas relativas ao turismo foi equivalente a U\$ 7,476 bilhões).

Há aqueles que acreditam na força do turismo contra-hegemônico⁶ e mencionam o chamado turismo comunitário, em que a comunidade local administra e se beneficia do turismo. Em Jericoacoara, onde há predominância do turismo tradicional, paralelamente surge na comunidade de Nova Jeri – criada por antigos moradores da vila, que com a especulação imobiliária acabam cedendo e vendendo seus imóveis e se instalando em locais de risco, como áreas de dunas, e passam a viver em condições ainda mais

⁵ Ferreira, 2013.

⁶ Brandão, Coriolano, 2016, p. 116.

precárias⁷ – uma espécie de serviço de turismo comunitário, que oferece atividades para aquele turista que procura um maior contato com a comunidade do lugar. Oferecem um turismo alternativo, inclusive muito mais barato, em que é possível participar de atividades de subsistência, pesca e agricultura.

Mas Jericoacoara, a pequena vila de pescadores, sofreu fortemente a influência da atividade turística tradicional. Em termos de população é possível observarmos algumas mudanças. Segundo o IBGE, em 1996 haviam 9.699 habitantes; em 2010, a população já chegava a 17.002; um crescimento de 75,29%, enquanto no Brasil, nesse mesmo período, o crescimento foi de 22,25%. Não à toa, é possível associar esse crescimento à chegada da energia elétrica. Quando investigamos os dados de rendimentos domiciliares (IBGE), percebemos que o crescimento da atividade turística não contribuiu para uma elevação considerável dos rendimentos da população. Recebem até ½ salário mínimo (US\$142,24), 52,01% da população; 29,11% da população recebe entre ½ e um salário mínimo; 10,71% recebe entre um e dois salários; 6,43% de dois a cinco salários; e apenas 1,74% recebe mais do que cinco salários mínimos. Atualmente o salário mínimo no Brasil é de R\$ 937,00 (US\$284,48). É possível constatar que a atividade turística chega fortemente à Jericoacoara, entretanto o dinheiro que circula na pequena vila continua sem privilegiar a maioria da população. Apesar do discurso de que há interferência também indireta e induzida na economia; ou seja, indiretamente com os investimentos na melhoria dos serviços para atender a demanda dos turistas, os moradores do lugar também se beneficiariam dessas melhorias; e induzida no sentido de que ao gerar renda aos residentes, o dinheiro deixa de circular somente na “cadeia produtiva” do turismo, o que pudemos observar é que a circulação de capital concentra-se nos negócios da rede hoteleira e nas agências de turismo. Há ainda um outro grupo – aqueles ligados ao comércio (lojas, restaurantes e bares) – que também absorve parte desse dinheiro, mas os trabalhadores propriamente ditos e aqueles que trabalham com artesanato ficam com a menor parte.

A atração dos turistas se realiza a partir da mercadificação do lazer, que é simultaneamente transformado em mercadoria a ser vendida, mas também a própria representação do ato de fazer turismo é também transformada em mercadoria. Isso explica também a necessidade criada e introjetada no turista de publicizar nas redes sociais as suas férias, através de vídeos e fotos, registrando tudo a todo momento. A ponto de perguntar-nos se esse sujeito está se divertindo e conhecendo um novo lugar ou está apenas “vendendo” o que representa estar ali... Por outro lado, o morador do lugar também é afetado por toda essa transformação.

Simulacros e transformação da vida cotidiana em uma antiga vila de pescadores

A vida tranquila e pacata daquela comunidade vivencia uma forte mudança em seu cotidiano. O crescimento da atividade turística após a chegada da energia elétrica trouxe consigo novas necessidades, que muitas vezes chegaram com os visitantes. Os pescadores que alugavam um dos quartos de suas casas para os antigos visitantes, em

⁷ Fonteles, 2004, p. 164.

sua maioria mochileiros, passam a não ser mais adequadas para prestar tal serviço. Os turistas veem Jericoacoara como uma velha vila de pescadores no litoral do estado do Ceará, um lugar onde “o progresso ainda não chegou”... um “lugar paradisíaco no meio do nada”... um lugar onde as ruas ainda são de areia...

Entretanto, esses mesmos visitantes não estão dispostos a abrir mão do conforto das grandes cidades. As pousadas têm que ter ótima infraestrutura e requinte (Figura 05). Decoração exclusiva, obras de arte nos quartos e área comum são itens quase obrigatórios em determinadas pousadas. Boa parte dos proprietários das pousadas são estrangeiros (principalmente italianos, espanhóis e alemães) e mantém contato com agências em seus países de origem, que também fazem a divulgação desse “paraíso perdido no tempo”.



Figura 05: Banheira de hidromassagem no terraço da suíte de uma das pousadas, com vista para a Duna do Pôr do Sol (um dos pontos turísticos do lugar)

A mercadificação do turismo acaba por gerar uma forte valorização do solo e, obviamente, as áreas mais próximas ao litoral – e às praias propriamente ditas – acabam sendo fortemente disputadas pelos empreendedores. Os antigos moradores dessas áreas acabam deixando suas antigas casas e mudando-se para locais mais afastados. Essas construções transformam-se em pousadas, bares, restaurantes, lojas de souvenirs e de artesanato.

Por sua vez, os antigos moradores do local, ao conviverem com a realidade dos visitantes e os recursos que eles trazem, passam a pensar e desejar para Jericoacoara aqueles valores. Todavia para que a pequena vila de pescadores continue sendo vendida

turisticamente, ela precisa manter elementos idílicos, precisa continuar a transmitir a impressão de viver em um tempo mais lento. Algumas medidas são adotadas para construir essa sensação: são criadas normas de edificação e pavimentação que obrigam as construções a manterem aquele padrão construtivo; as ruas não podem ser pavimentadas – devem permanecer de areia – (Figuras 06 e 07); e não é permitido iluminação elétrica nas ruas, apenas dentro das casas. Observamos, assim, a construção de simulacros para dar sentido a essa dinâmica da atividade turística, entretanto constroem-se também simulacros no outro sentido; em outras palavras, os próprios moradores passam a acreditar que a vila de Jericoacoara vive totalmente as inovações e realidades de uma grande metrópole. E, de alguma forma, embora não seja nosso objetivo aqui, há indícios do processo de metropolização do espaço.



Figura 06: A rua principal que dá acesso à praia permanece, por lei, sem pavimentação



Figura 07: Os turistas caminham pelas ruas de areia de chinelos ou descalços

O simulacro é uma espécie de imitação ou falsificação sobre algo; é uma representação, uma construção imagética que acaba por simular uma realidade. O filósofo Jean Baudrillard⁸ acreditava que com o avanço das tecnologias de informação e comunicação, a mídia concentra grande força e passa a exercer grande influência sobre a população. Inclusive a associação entre mídia e propaganda contribui para fazer com que a realidade perca importância e com que as pessoas passem a viver as e a partir das representações. Assim, as representações acabam por atrair maior atração das massas do que o próprio objeto ou o próprio processo que está sendo reproduzido.

Para a viabilização da atividade turística, é preciso investir em infraestruturas, tais como vias de circulação, meios de alimentação e hospedagem, e ao fazê-lo com esse objetivo - estranho ao lugar - o que percebemos é que ocorre a transformação do espaço para viabilizar a realização do capital, transformando, inclusive, paisagens naturais em mercadorias, em objetos de consumo. Tudo isso não se realiza apenas na pequena vila de Jericoacoara, no Ceará, nordeste do Brasil; tal fenômeno vem acontecendo em inúmeros lugares em que a atividade turística tem sido implementada com o objetivo da realização da reprodução do capital.

⁸ Baudrillard, 1991.

Não resta dúvida, no caso específico de Jericoacoara, de que a chegada da eletricidade provoca uma transformação radical no cotidiano dos moradores, mas, simultaneamente – pensando ainda na ideia de simulacro – é também o uso da estratégia de não permitir que haja luz elétrica a iluminar as ruas, que mantém no lugar um clima de vila de pescadores que continua atraindo cada vez mais turistas.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. Simulacros e simulação. Portugal: Relógio d'Água, 1991 [1981]. 202p.

BRANDÃO, A. L. R; CORIOLANO, L. N. M. T. Eixos do turismo: comercial e contra-hegemônico em Jericoacoara – CE. Revista FORMAÇÃO (ONLINE) Vol. 3; n. 23, maio/2016; p. 101- 126. ISSN: 2178-7298. ISSN-L: 1517-543X

FERREIRA, Alvaro. A cidade no século XXI: segregação e banalização do espaço. 2. ed. Ampliada. Rio de Janeiro: Consequência, 2013. 324p.

FONTELES, J. O turismo e impactos socioambientais. São Paulo: Aleph, 2004.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997 [1967]. 238p.

LEFEBVRE, Henri. La presencia y la ausencia: contribución a la teoría de las representaciones. México: FCE, 2006 [1980]. 305p.

Sites visitados:

http://www.embratur.gov.br/piembratur-new/opencms/salaImprensa/artigos/arquivos/Turismo_contribui_com_9_do_PIB_mundial.html

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=230725>